



REDATORES

J. Silva Villela
Helena Wronski
William Callia
Vicente Amato Netto
Victor Nussenweig
Joseph Feher

(Registrado no D.N.I.)

Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Red. Chefe **Matinas Suzuki**

Diretor — **WALTER BELDA**

Secretario - **Adhemar Fiorillo**

Ano XVI

SÃO PAULO - JUNHO DE 1948

Numero 53

Os Estudantes e o problema do Petróleo

Solenemente empossada a 15 de Abril a Diretoria Cunha Bastos

Senhores, confiantes no futuro, atentos no presente, perfeitamente conscientes da posição que ocupam dentro da estrutura social, estão os estudantes de Medicina vivendo, para que não sejam postergados os princípios em nome

dos quais foram à luta os jovens do nosso querido Brasil. (J. A. Fortes).

"Igual á hora histórica da Inconfidência Mineira, a campanha pela nacionalização do petróleo é de Independência econômica do Brasil".

Dr. João Belline Burza

Que se faça justiça. Para que o patrimônio nacional não seja conspurcado pelo despotismo estrangeiro, lutemos pelo que é legalmente nosso.

William Callia

Alguem procura agir na sombra e na segurança roubando o que é nosso. Por justiça e por direito nós mesmos devemos explorar o nosso Petróleo.

Plácido Morellato

"É um direito e um dever de todos os brasileiros lutar para garantir a exploração do petróleo em benefício do povo e isso nunca será conseguido nos moldes do atual estatuto.

Nelson Manoel Rego

O Problema do Petróleo brasileiro é um dos mais importantes de nossa vida nacional. Pugnar por sua solução digna e prática é dever de todos os brasileiros.

Antonio Carlos de Souza Queiroz Cardoso

O Petróleo representa a independência econômica ou a escravização perpetua de um povo. Não podemos assistir indiferentes á monopolização pelo estrangeiro da maior riqueza nacional.

João Batista de Camargo Alves

É um lance decisivo pela libertação econômica da nação brasileira.

Walter Campi Lous

No momento em que muitos povos procuram atingir sua independência econômica, nada mais justo de que também o façamos, através de uma exploração nacional de nossa maior riqueza: o Petróleo.

Agostinho Bettarello

A nacionalização da industria petrolífera representa também o afastamento de interesses particulares, no sentido de tornar menos injusta a atual repartição dos bens terrestres.

Nelson Candalaria

Lutar pela defesa do petróleo é lutar pela liberdade de ação e palavra visto que uma é o fruto de outra.

Alvaro E. Almeida Magalães

A luta pelo petróleo nacional tem que ser a luta de todo o dia de nós universitários.

Antonio da Silva Coelho Neto

Petróleo no Brasil, explorado por brasileiros dignos, é o que honestamente qualquer um de nós deve querer.

Roberto Araujo de Almeida Moura



Chegado é o momento em que todos, nos diferentes ramos de atividade, serena e livremente combatam em prol da nossa libertação política e econômica. A nossa classe aliou-se a esse movimento. Avante, pois!

José Donato de Prospero

Nesses momentos decisivos para o futuro do Brasil, devemos nos unir para uma solução satisfatória no já tão comentado problema de âmbito nacional — defender o nosso petróleo, custe o que custar.

Waldyr Prudente de Toledo

Com a presença do Prof. Renato Lochi, Diretor da Faculdade de Medicina, dos Presidentes de Centros Acadêmicos de São Paulo, e do corpo discente da Faculdade de Medicina, tomou posse a 17 de abril a Diretoria que dirigirá o C. A. O. C. em 1948.

Em nome dos empossados usou da palavra o orador eleito, José Roberto de Albuquerque Fortes, que pronunciou a seguinte oração:

Exmo. Snr. Representante do Magnífico Rector da Universidade de São Paulo.
Exmo. Snr. Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
Exmos. Snrs. Professores; Senhores e Senhoras; Colegas da Faculdade.

Mas uma vez cabe a um representante do C. A. O. C., em solenidade de posse da Diretoria, vir trazer a público as aspirações, os ideais e os sentimentos dos alunos da gloriosa Casa de Ensino Médico do Araçá.

Antes de aqui nos determos na análise e admiração do tudo de quanto grandioso realizaram as gerações que nos precederam, preferimos render nossas homenagens à essa gente e ponderar mais uma vez, em discurso desta natureza, sobre o que significa C. A. O. C.

Voltando nossos olhos para lá fora, ao observar o mundo e a vida, nas suas manifestações mais elevadas do pensamento e cultura vemos: que o passar dos dias tem mostrado, de maneira cada vez mais clara e positiva, a necessidade que existe de nos aproximarmos uns dos outros, com uma grande reserva de tolerância e boa vontade para haver compreensão harmonia.

A fuga para o recolhimento, a auto-defesa no isolacionismo é que tem contribuído para acentuar as diferenças e para desencadear os conflitos. O prosseguir nessa atitude é permitir que as situações se desenvolvam à revelia de nossa participação, a revelia de nossa experiência da influência de nossa personalidade.

É necessário o despertar de todos, é necessário a atenção de todos. Uma consciência comum, unânime e vigilante, impõe-se por si mesma.

Acreditamos na vontade expressa pela palavra, concebemos o ato como a objetivação desta vontade. Por isso, preocupamo-nos em discutir os pontos controversos, para alcançar, primeiro na teoria, o ideal.

Sabemos que foi através de manifestações desta ordem, que se obteve da Colenda Congregação desta Faculdade a tão necessária Representação dos alunos, no Conselho Técnico Administrativo, medida que entrará em efetivo vigor, juntamente com o novo Regulamento Interno da Faculdade de Medicina, no ano próximo.

Ainda, obedeceu a processo semelhante

(Concluiu na 8.ª Pág.)

Frequência livre

Chega a seu término, com inteira vitória dos Acadêmicos de Medicina, a campanha "Pró-Frequência Livre" iniciada por Roberto Brandi pelas colunas de "O BISTURI"

A tese sustentada por João Belline Burza, no Congresso Médico-Social de 45, tornou-se uma realidade graças aos esforços de Alvaro da Cunha Bastos e à compreensão e espírito de justiça do Prof. Renato Lochi.

Dissecando

Antes de mais nada quero dedicar algumas linhas aos colegas, a esses colegas possuidores da arte do psitacismo, que só sabem criticar, falar gesticular, á surdina, sem fazerem algo util, sem porem a mão no fogo. O maior prazer deles, indubitavelmente, é "meter a lenha" em tudo. Acontece que "O Bisturi" é sempre visado por estes tipos mesquinhos. Falam muito, reclamam demais, gesticulam ainda mais, porém na hora de ação, permanecem de braços cruzados, alheios a tudo, sem se atreverem a colaborar. Se o nosso jornal é isto, é aquilo, só trás artigos banais (e "badaladores"), piadas infames, porque eles não escrevem alguma coisa aproveitável, cooperando para o maior crédito do mesmo. Essas observações não se limitam a "O Bisturi", mas em tudo que nos pertencem. Estão desafiados "nossos amigos", cujo palatário é o porão, para que retirem a máscara e se manifestem ativamente.

...

Quem observou atentamente a relação das faltas do 4.º ano médico, ficará intrigado com o paradoxo existente entre aquelas de Anatomia Patológica e as demais. Técnica Cirúrgica, por exemplo. Enquanto na primeira, boa parte dos alunos, não possuem sequer uma falta, na outra por contraste, são elas abundantes. Será que existe uma aversão á cadeira de Técnica por parte do pessoal? É o que se pensa á primeira vista. Nada disso acontece. Pelo contrario o que acontece já tem sido abordado. Mesmo sem as químicas frequências livres, temos direito a um limite de faltas, se não me engano de 30% das aulas. Mas há gente que pensa de modo diferente, se não acreditem perguntem ao prof. Mignone. O que presenciámos é a turma tal qual rebanho pacífico dirigir-se, ás 14 horas, para anfiteatro e ouvir o "eloquente sermão tri-semanário" de tão "grata" pessoa. Confesso que estamos assistindo as aulas, qualificadas meritariamente com o adjetivo ótimo, dignas de serem assistidas por todos aqueles que estão fartos de má didática que abunda por essa Faculdade. Porém não é sempre que a gente, por melhor que seja o professor, está disposta a aturar 45 ou mais minutos de aula teórica. E o que vimos foi que o referido lente, durante uma aula em que não eram poucos os que estavam nos braços de "Morfeu", dirigiu um "convite" para os que não tinham interesse na aula que se retirassem. Ora, seu doutor, será que ainda não descobriu, que muita gente estava presente (inclusive eu) á aula, por vontade alheia? Assistimos ás aulas coagidos pelo desconto das notas por causa das faltas. Não ignoramos a importância da cadeira; não ignoramos também que não estamos sob nenhum regime de caráter ditatorial. Portanto fazemos nós também um "convite": É melhor mudar de orientação pois "quem se meia ventos, colhe tempestades".

...

Dizem que na Anatomia, os srs. assistentes, por mais absurdo que seja, fazem semana inglesa diária. Francamente não compreendemos ainda este retiro vespertino desses "moços deluvias que vão daqui prá lá, com essas papeladas na mão, e que entram de vez em quando no laboratório de dissecação", como exprimiu em piada um colega nosso. Ainda mais agora que a matéria tornou-se mais vasta na razão inversa do tempo. A coisa como vemos não está restrita somente a piélabrias. É mesmo séria. Imprescindível é o auxílio de todos.

...

É de lastimar-se a orientação que segue o curso na 1.ª Clínica Cirúrgica. Será que os srs. assistentes não podiam empenhar-se com mais vontade em ministrar as aulas? "Parece que toda gente lá não quer mesmo nada". Displícência e embromação é o que podemos verificar, infelizmente.

Vamos falar sobre as filas. As filas enfadonhas das refeições, seja a do bar, seja a do refeitório do H. C... No celeberrimo bar observa-se o seguinte: enquanto a maioria põe á prova a paciência numa fila, de provocar água na boca das tartarugas, outros recebem o almoço pela porta ao lado. Entre os felizardos podemos notar alguns professores, médicos, estudantes e dentre estes até calouros! Um pouquinho de "cavação" é a chave do segredo e arranja tudo.

No H. C. é preciso encarar o almoço e o jantar. No almoço verificamos que a "furação" da fila só se processa do lado que serve bem á esquerda da entrada principal, e exatamente neste lado existem somente duas pessoas encarregadas de fazer os pratos, enquanto do outro são quatro ou mais. No jantar os funcionarios gozam do direito de serem servidos em primeiro lugar. Aprovamos até certo ponto. Porém a quantidade de alunas da Escola de Enfermagem aumenta cada vez mais, pelo acréscimo de turmas maiores; por outro lado o número de estudantes necessitados a tomar refeições no hospital é sucessivamente aumentado. E toda gente fura a fila, toda gente com excessão das alunas da E.E. e dos estudantes do quarto ano para baixo, inclusive. E por que por exemplo, os quartanistas não sejam "penetras" podendo estarem com avental? Acontece que lá alguém incumbida, incumbida de fiscalizar fila, que sendo dietista e secundarista do curso médico não conhece os alunos dos últimos anos, e destes mesmos os que não estão de plantão furam a fila, porque a "estimada" colega não banca a "amiga da onça" perguntando-lhes se eles estão de plantão, como ela tem feito para os alunos do quarto ano. Encaremos melhor o privilégio dos funcionarios serem servidos antecipadamente. Seria interessante que num determinado tempo exclusivamente eles fossem servidos; assim sem gente a furar a fila, a perturbar a ordem de serem feitos os pratos, sem gente a fazer pedidos como aquele dum médico solicitando feijão coado, ou melhor, só o caldo do feijão (se a moda pega...), eles, os funcionarios, seriam servidos logo e os demais menos felizardos não haviam de padecer tanto tempo na fila depois de um dia inteiro de aulas. Podiam ser servidos, por exemplo, das 17,45 ás 18, 15 horas. Ou na melhor e mais difícil hipótese por que não fornecer a comida dos dois lados no jantar? Já ouvi dizer uma vez que o Hospital não foi feito para dar refeições aos alunos. E para as alunas da E.E. que podiam ter refeições lá no seu próprio palácio? E para os outros?

Aguardemos, pois, na fila das ilusões mais algumas.

...

Já estão falando em eleições, já estão aparecendo os candidatos, já estão sendo esboçadas as chapas. E eu pergunto a todos: O que tem feito a diretoria Cunha Bastos na resolução dos diversos e inúmeros problemas dos alunos?! Resposta difícil. Que eu saiba, o telefone independente foi alguma coisa de novo conseguido por ela. O que mais? Está o sr. presidente convidado a manifestar-se. No tempo das eleições disse ele não pos-

suir plataforma: O seu programa era o que aparecesse. Será que depois de nove meses ainda não vem á luz o seu programa? Mas antes que me esqueça, cumpre notar a nova sala da presidência. Outra coisa feita, "com ou sem direito", "democraticamente ou não"...

...

"Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Este é o ditado. Porisso vamos falar sobre o bar do Odorico, que se transformou no tabú das críticas. O bar abre um pouco antes das 8 horas. São muitos os alunos que vão tomar a média, antes da aula, no mesmo. Todavia nem sempre está aberto e o estudante, ou resignado, ou revoltado é obrigado a retirar-se vendendo moscas para as aulas. Dizem que o bar se fecha ás 17 horas para a limpeza, etc.. Não foram poucas as vezes que se encontra o mesmo fechado de manhã por muito mais de uma hora para lavagem. Só faltava na porta trancada o aviso do momento: "Bira ba esteve aqui".

Também não há razão para ser fechado ás 13 horas aos sábados. Quanto á rapidez em servirem os freguezes, continua na mesma. Tenho pena do rapazião que fica tototo na hora do aperto, sem saber o que fazer. O Odorico devia era fazer uma visita áquele pequeno bar quase em frente ao Opera ou então á Casa Californiana na Rua São Bento, proximo da Praça Patriarca. Ambos são lugares estre-

tos, movimentadíssimos, porem servem-se muito depressa, o primeiro com sanduiches e saladas e o segundo com refrescos, aperitivos, etc. E o nosso bar? É tão grande que o pessoal fica fazendo hora o dia inteiro. Outra coisa. Será que o unico lugar em que não se esterilizam as chifaras é o bar da Faculdade? Parece incrível... mas é a pura verdade. E os preços? São feitos não visando os lucros, ou melhor, poucos lucros. No bar da Escola Politécnica a refeição custa 5 cruzeiros e ainda se tem direito a um copo de leite e também suco de fruta. Façamos a comparação dos preços dos sanduiches com aqueles de um bar movimentado do centro da cidade, como o "Jeca":

	Faculd. "Jeca"	
Sanduiche de presunto	3,50	3,50
Sanduiche de queijo	2,50	3,00
Sanduiche Americano	6,00	4,00
Sanduiche mixto	5,50	3,50
Sanduiche Baurú	4,50	3,50

Observa-se que aqui é mais barato somente o sanduiche de queijo, assim mesmo somente 50 centavos.

Já se fala em um novo bar, tipo americano, no 4.º andar. Tenho tanta fé nele como na Casa do Estudante "Osvaldo Cruz". Entretanto, enquanto o bar não subir para o 4.º andar, não devemos permitir que os preços subam para a estratosfera.

K. I. PIRA

4.º Congresso Medico Academico Inter-Estadual (De 17 a 27 de Julho)

Em reunião do Departamento Científico, foi deliberado que; o programa para o 4.º Congresso Medico-Academico Inter-Estadual será o seguinte:

1.º dia: — Inauguração oficial do 4.º Congresso, no Teatro da Faculdade de Medicina, pela manhã.

1.º sessão para apresentação de trabalhos: a) primeira parte-temas oficiais; b) segunda parte-temas vagos-anatomia e fisiologia (á tarde).

2.º dia: — 2.º sessão para apresentação de trabalhos: — primeira parte-temas oficiais; segunda parte-temas vagos: clinica cirurgica e tecnica cirurgica. (pela manhã).

Visita a Escola Paulista de Medicina e Hospital S. Paulo. (á tarde).

3.º dia: — 3.ª sessão para apresentação de trabalhos: primeira parte-temas oficiais; segunda parte-temas vagos-clinica e medica (pela manhã).

Visita ao Instituto Butantã (á tarde).

4.º dia — 4.ª sessão para apresentação de trabalhos: — primeira parte-temas oficiais; segunda parte-temas vagos-clinica medica e parasitologia, microbiologia e imunologia (á tarde).

Sessão de radiologia (pela manhã).

5.º dia — 5.ª sessão para apresentação de trabalhos-temas oficiais; segunda parte temas vagos-ensino medico neurologia (pela manhã).

6.ª sessão para apresentação de trabalhos; temas varios-ginecologia e obstetricia (pela tarde).

6.º dia — Sessão de encerramento com entrega de titulos.

Tarde livre.

Comissões: a) Propaganda: Augusto

Esquibel, Walter Belda, Samuel Schwarstmann e Matinas Suzuki.

b) Recepção: Marco Elizabetzki, Osvaldo Monteiro de Barros, Roberto Moura, Alberto Adde e Roberto Brolho.

c) Organização: Scharif Kurban, José Leite Fernandes, Osvaldo Monteiro de Barros, Americo dos Santos e Roberto Brolho.

d) Redação dos Anais: Scharif Kurban, José Leite Fernandes, Matinas Suzuki, Walter Belda e Augusto José Esquibel.

e) Comissão Diretora: Alvaro da Cunha Bastos, Scharif Kurban, Teixeira Pinto, Fauze Adde, Guilherme Mattar e Ubajara C. Pereira.

Vultos do nosso esporte

CALLIA O "POLVO"

De nobre aspecto e donairoso porte, arfando qual sanfona o peito hirsuto, buscando da vitória o louro e a sorte penetra pelo Estádio resoluto.

Toma do peso, flete o braço herculeo, complica do arremesso a posição, ao povo seu olhar volta cerdeio... Estruge aplauso vibra a multidão.

Calma, senhores! O momento é grave. Novo recorde o POLVO vai bater que o concorrente pasme e o leigo entrave.

Estende o braço rijo, sem temer... O peso sobe e regressando ao chão do pé direito esmaga-lhe o dedão.

TULIO MIRAGLIA

Tudo Continua...

Walter Belda

*To be, or not to be, that is the question;—
Whether 'tis nobler in the mind
to suffer
The slings and arrows of outrageous fortune;
Or to take arms against a sea of trouble,
And, by opposing, end them?...*
(Hamlet... solilóquio)

Há pouco tempo um articulista da imprensa paulista, referindo-se a atual mocidade chama-a de geração "coca-cola". O que me causara repulsa logo deixou de produzir escândalo. Isso porque, se procurarmos a mocidade a encontraremos apenas nas matinées de swing, mascarando chiclets ou lendo "Biriba". O que mais espanta, no entanto, é que a própria classe universitária parece se diluir nesse mundo de superficialidade.

Realmente não contamos com uma classe unida. Marchamos indiferentes nas sombras das barbas decrépitas dos donos da experiência, dos donos da prudência.

Nós que vimos os primeiros raios de uma nova era, que sentimos que algo de novo, de deslumbrante, haveria de acontecer, deixaremos a nossos filhos uma herança de covardia, uma herança de preguiça porque não tivemos coragem de afastar as cortinas para que o sol entrasse em toda sua magestade? porque não marchamos de encontro ao mundo novo, ao mundo dos livres? Transmitiremos apenas a herança maldita daqueles que com todo o peso da experiência nos legaram duas guerras?

Não, não podemos consentir nisso. Chega de repetir-se como confissão de impotência — "Mocidade é de vocês o futuro" Que a nossa geração seja a última a ouvir esta frase que tem atravessado os anos. Que os nossos filhos não ouçam essa frase e que recebam um mundo de paz.

E o exemplo deve partir de nós universitários. Unamo-nos em torno a uma bandeira comum. Falta-nos uma associação de classe? Que se espere para que a UNIÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES seja uma realidade?

É animador o fato de ver-se que, no meio dum povo que quasi acostuma o às revistas pornográficas que abundam nesta terra, haja um publico para Hamlet. Para isto talvez tenha contribuido o fato da peça estar em foco nas capitais adiantadas — Maurice Evans em New York, Sir Lawrence Olivier em Londres, Jean Louis Barrault em Paris, ressurgiram a peça de Shakespeare. Acreditamos também que o fenomeno Sergio Cardoso tenha, contribuido com grande soma nessa busca do bom teatro. Do De um modo ou de outro é agradável saber-se que são os estudantes, essa classe hoje tão desunida, que estão reavivando a chama da cultura, trazendo ao nosso publico o pensamento dos grandes mestres do passado.

Todo teatro, quando honesto, é uma escola de cultura. Era nisso que pensavamos, quando, tempos afraz, timidamente sugerimos a criação de um grupo de teatro nesta Faculdade. Com satisfação verificamos que aquela idéia, não levada a sério no passado, encontrou individuos de boa vontade e já temos quasi que organizado o "Grupo de Teatro Experimental dos Alunos da Faculdade de Medicina". Valores artisticos há entre nós. Talvez brevemente os frutos aparecerão e

nós poderemos nos orgulhar de ter realizado algo pelo aumento da cultura no nosso meio universitario.

No lançamento da pedra fundamental do prédio da futura sede da Associação Paulista de Medicina, o prof. Jairo Ramos, em vibrante oração, mostrou o alto significado do ato. Mais do que a sede duma associação ali estava o inicio da Ordem dos Médicos. Ali se iniciava um organismo de defesa, e um organismo de julgamento da classe médica.

Mas, quando vemos anuncios luminosos a levar para o céu da Paulista o nome de "médicos" que fazem trizes e tantas especialidades duma só vez, que têm métodos próprios de cura, dos pseudo-operadores, dos fazedores de abortos, dos restauradores de virgindade e outras coisas mais, ficamos pensando não numa "Ordem dos Médicos", mas num peloão de fuzilamento.

Mas, queira Deus que aquela idéia germine. Então veremos como se desenvolverá um individuo que, dizendo ser médico, publica livros onde defende com unhas e dentes conceitos como estes:

"A fonte primeira e a regra suprema de toda ordem juridica é o instituto racial".

"A parvalheira médica tendo perdido as ultimas luzes do juizo e da vergonha, invadiu os currais e fez na animalida de irracional os seus estudos cietíficos. Deshumanizou o homem para o servir com produtos fornecidos desses currais e das maselas de seus habitantes."

"Mesmo carnívoro que o homem fosse, não seria senão por vicio, por miseria e por guloseima. Mas é carnívoro por ignorancia e daí o seu repasto nesse alimento sem ciclo nutritivo, infiltrado de toxinas, ptomainas, micróbios e suas secreções".

"Se não comessemos carne a medicina teria pouco que fazer".

"Os medicamentos todos lançados ao mar fariam a salvação da humanidade embora morressem os peixes."

"O parto doloroso é uma enfermidade. Para que o parto se produza sem dor, necessário se torna a abstração das carnes".

"O apêndice é indispensavel para impedir a prisão de ventre. A sua remoção provoca-a e abrevia a vida".

"O caldo de carne não nutre. Não contem elemento nenhum nutritivo. Pelo contrário é nocivo á saúde."

"As modificações químicas são ainda sombras da ignorancia"

"A verdade médica não se aprende nos cadaveres dos anfiteatros, nem nos enfermos dos hospitais. Justamente par aqueles serent matéria morta e estes matéria em corrupção, é que a mentira prepondera"

"A medicação hipodérmica é o maior disparate médico que se pratica".

O livro, gentilmente autografado pelo autor que exhibe uma infinidade de títulos científicos, está a disposição dos interessados. ...

Para o Serviço de Saúde Publica Meditar.

Eis a formula de um xarope para "vias respiratorias" e "nutrição", que está a venda nas farmácias:

XXXX cada 15 cc contem —
Vactofosfato de Ca 75 G.

Tintura de Aconito 35 cm3
Glicose 450 cm3
Agua Q. S. 15.00 cm3.

Há certas coisas que minha pouca inteligencia sente dificuldade de compreender. Há pouco tempo organizou-se uma exposição sobre sífilis, quasi que com apoio oficial, a lgo suspeita. lembramos a quem achar estranha a nossa opinião que havia um cartaz com os seguintes dizeres — "Nenhum médico honesto pode dar alta a um doente de sífilis sem, pelo menos, trs anos de tratamento". Traduzindo em linguagem mais facil diriamos: o autor do distico não tem o menor conhecimento de sífilis.

Ao lado dessé incidente, a Liga de Combate á Sífilis tomou alguma atitude?, há outras coisas interessantes e quasi incompreensíveis. Notamos que com certa regularidade, certos cinemas de São Paulo, exibem filmes do tipo êxtase, Uma noite no Follies, etc. atraindo uma multidão de rapazolas e, interessante, mocinhas. Nas revistas dos teatros não tocamos. Notamos também que dia a dia aumentam as revistas pornográficas, impunemente esparramadas pelas bancas de jornais e correndo livremente nas mãos de colegiais. Tais revistas sustentam uma série de "humuristas" que segundo me parece, devem ter os testículos na cabeça. Basta que se note os tipos desenhados, há um deformismo sintomático, um exagero de nádegas e seios, e uma insistência sugestiva no desenho e na descrição de individuos de sexo ou mais ou menos indeciso.

Tudo isso anda por aí, ninguém reclama. Não há censura. Crianças e velhos as lêem. E de tanto ver esse negocio todo eu já ia compreendendo. Mas, acontece que apareceu um filme educativo, honesto, realizado por um professor vienense e recomendado por um professor de nossa Faculdade. E o

que vimos foi de deixar louco — Proibição quasi total. Espetáculos só para homens e em horarios em que todo mundo, pelo menos teoricamente, deve estar trabalhando. E, eu não entendo nada mesmo.

...
Veza por outra um jornal qualquer solta uma piadinha por cima de nós. Ou timidamente lembra o limite de oitenta vagas da Faculdade, "absurdo para uma cidade de 2000.000 de habitantes", ou solta umas piadas de mau gosto sobre o Hospital das Clinicas. O pior é que escrevendo por ouvir dizer dão suas pa'adazinhas nos pobres médicos, principalmente do P.S., ou sobre as abnegadas enfermeiras. E sem ver — escrevem tanto. Mas, imaginemos que esse jornalista estivessem por estas bandas e vissem isto:

Filas enormes desde as quatro da manhã para se obter um cartão de consulta; filas enormes para visitas? Que diriam se vissem á aflicção dos que ficam semanas implorando uma vaga e soubessem que, por exemplo, na enfermaria do Prof. Alipio, não por culpa d'ele, no mês passado dez leitos ficaram vagos durante vinte dias? Que escreveriam esses jornalistas se encontrassem com a frequência que encontramos mães, filhos, em busca do cadaver dum filho, dum pai, dum parente que ninguém sabe informar onde está?

...
As palavras leva-as o vento, as letras apagam-nas o tempo. Mas nem o vento nem o tempo terão forças para fazer esquecer o fato da direção deste jornal estar sendo oferecido, a quem der mais, por certo candidato. Calma senhor. Ainda estamos no meio do ano. As eleições virão a seu tempo. Até lá menos politicagem e mais trabalho e este não falta no Centro.

V E R S O S

I V O N E

A tragédia do Estudante

Um aluno já cansado
Por ter muito estudado,
Morrera de horrivel mal
Depois da prova final

A familia desolada
Chorava desesperada
A morte cruel e brutal
Do querido Juvenal

Tendo sido estudioso
Ergueram para o moço
Algo que foi bem a gosto

A escultura do pobre
Numa atitude de nobre
Junto da mesa de estudo
Com tinta, livros tudo!

Quando a alma do jovem
Subia p'ro céu numa nuvem,
Murmurou: miséria
Nem minha imagem tem féria!

Cá entre nós

Certa noite eu sonhei
Que beijava o teu retrato
Porém quando acordei
Beijava a parede do quarto

Não é que eu seja contra,
Nem alheia ao matrimonio
Porém tome cuidado
Que há muito rapaz "demonio"

Clinicando

Por não saber um soneto
Tão bem como outros fazer
Terei por metro o quarteto
Pelo qual hei de escrever:

Eu sou doutora em ciência
Pela qual tenho paixão,
Sou clinica de paciência
Das doenças do coração:

O coração é uma coisa
Que está sempre a bater
Com batidas diferentes
Na tristeza e no prazer.

Se bate forte é doença
Se bate pouco, também,
Havendo só diferença
Se ele bate por alguém...

Instantâneos

Passa a chuva brejeira
Passa o ronco do trovão
Só não passa ligeira
Saúde no coração

Risos, fitas, brinquedos,
Amor, sonhos e flôr
Depois o peso dos anos:
Saudades, penas e dor.

Alvaro da Cunha Bastos

Um preambulo e uma carta

(S. P. 20-5-948)

Se não me falha a memória é de Alvarus o seguinte preceito: "O caricaturista não deve ultrapassar o umbral da porta do caricaturado". Não me lembro se são essas as suas palavras textuais, porém o sentido é exatamente esse.

Quer dizer, é boa norma para o caricaturista concencioso, que não deseja rebaixar-se à lama dos vermes, restringir-se a focalizar as falhas do individuo no cumprimento dos seus deveres profissionais. Os largos traços do lapis não devem nunca expôr as vistas da sociedade nãssõ semelhante pulando, num momento de fraqueza, a cerca da sua vida privada. Se isto vale para a Caricatura, não é menos verdadeira para a critica que usa a pena de escrever. E mais ainda. Devemos sempre e tanto quanto humanamente possível, desligar o cerebro do coração. Pois este é como uma mulher bonita, faz a massa cinzenta tropeçar, titubear e conduz ao falseamento pelo caminho do auto-sofisma ou da cegueira. Com estas palavras previas eu procuro reforçar um ponto de vista todo meu a respeito da critica. Refiro-me a repulsa de que é credor todo critico que desaja da voz geral ao elogio. Com efeito.

É coisa de todo o dia ver-se um individuo possesso de raiva diante de uma critica que lhe foi desfavoravel, mesmo que tal critica tenha todo fundamento. No entanto, acho que o favor ou o desfavor não passa pura e simplesmente da imagem, no espelho da critica, das atitudes do criticado. É bem verdade que existem muitos espelhos que dão imagens deformadas, mas não é menos verdade que há individuos, e são muitos, que não toleram espelhos. E há ainda aqueles que não gostam dos retratos fleis, escondem os ou os rasga e só exibem as reproduções escandalosamente complacentes. Estes são, em geral, pessoas que nunca chegaram a menos a gatinhar no campo da auto-critica, a vaidade é neles um daltonismo todo especial que só permite a visãõ das coisas favoráveis.

E é pena pois há lições muito mais nteis numa critica bem feita, do que na cantilena geral da bajulação, pois aquela segura-nos cá na terra, prende-nos na realidade bem presente, enquanto esta conduz-nos para um mundo irreal, ilusorio, enganoso. E quando o Veu de Maia se rasga, e isso mais cedo ou mais tarde acontece, e a realidade brutal se põe a mostra, sobrevem a tremenda desilusão e "vivente" do mundo ilusorio se sente desamparado e incapaz para a luta. E é na luta, é "na tormenta que nasce o carater" como bem disse Goethe.

CARO PRESIDENTE:

É com certo receio que percebo que a minha natural timidéz diminuiu dia a dia. Senão, como me veio esta vontade de expectorar o que sinto por dentro? Antes sentia certos pruridos na garganta, mas sempre com pequeno ou grande esforço, pouco importa, conseguia refrear a tremenda vontade de tossir, de me livrar da coçeira... Agora porém, vejo com certo susto que não consigo mais. E por isso, depois de certa hesitancia, escrevo-lhe esta carta, sem selo e sem envelope, mas também sem malícia e sem maldade. E com esta carta abro um precedente, precedente ditado pelas circunstancias. Em tempo algum alguém se atreveu a escrever-lhe como ora faço, uma advertencia ao Presidente do C. A. O. C., através das colunas de "O Bisturi". Se porém o faço, sr. Presidente, a culpa é pura e simplesmente sua. Pois longe de mim a idéa de mexer com fogo. Desconheço! A menos que, como agora, a chama esteja queimando onde não deve... Você sabe, caro Presidente, como eu sou sincero. E a minha sinceridade sempre fez vistas grossas à amizade, sempre que necessária, pois no fundo sou mais do que um sentimental. Porque acho que se o coração não se abelhasse tanto, muitos amigos poderiam ser prevenidos a tempo. Fomos companheiros dentro de "O Bisturi" e juntos distribuímos muitas paupadas merecidas nos grandalhões. Hoje, que você é presidente e eu contínuo onde você me deixou, despretencioso porém cada vez mais vigilante, cada vez mais coruja... vejo-me obrigado a fazer-lhe estas criticazinhas, para grande infelicidade minha, pois jamais pensei que a idade fosse constrangido, jamais pensei que você me desse esta oportunidade que nunca desejei. É o interesse da coletividade estudantina de nossa Escola que está em jogo, dessa coletividade que criminosamente o Farina só viu durante a sua campanha eleitoral, dessa coletividade que tem multiplos problemas a resolver, anseios que o Dulio enumerou na sua noventa plataforma, mas que na hora da solução ele se esqueceu. Eram promessas compridas. Nenhuma delas foi cumprida. Bem diz o povo que o papel aceita tudo... Depois daquilo, o Farina passou a ser um a sombra de nuvem e aparecer esporadicamente e sorratamente no porão, incapaz de despertar a atenção do mais tolerante dos nossos colegas.

É você, caro Presidente, está seguindo as pegadas dele. Isto não é o meu pensamento pessoal, pois procuro, sempre procurei e essa é a minha norma, expressar sempre o pensamento de pelo menos um grupo. Isto talvez vá causar-lhe espanto, porém essa é a verdade nua e crua, verdade que ninguém ousa dizer-lhe à viva voz. Porém desça um pouca do pedestal a que você se ergueu, abra bem os olhos e os ouvidos e ouvirá o murmúrio de descontentamento, brotar dos lábios daqueles que, como eu, construíram com votos a escada da sua ascensão ao supremo cargo do CAOC. Falando com mais clareza, você está sendo para nós outros uma decepção, pois não é que o meu companheiro de "O Bisturi" se tem revelado como presidente um autentico medalhão? No entanto, ninguém lhe nega capacidade e outras virtudes, fato que deixa bem explicada a grande votação que recebeu nas eleições do ano passado. Mas, onde estão as realizações?

Até agora só vi quinquilharias, sim, autenticas quinquilharias. O telefone com linha direta, algumas melhorias nas salas do CAOC, a renovação dos talões do H. C., as entradas com descendo aos Domingos e feriados, e outras coisinhas que me escapam, tão microscópicas são. E a julgar pelo fala-fala que corre de boca em boca sobre as próximas eleições, é licito pensar-se que pouco ou nada mais será acrescentado, às mínimas conquistas até agora feitas. Na sua campanha eleitoral, o meu caro Presidente não apresentou programa. Nada mais sensato depois do exemplo dado pelo Farina, o "rei sem coroa..." do samba carnavalesco (cá entre nós, que maravilhosa coincidência, ein?). Mas decorrido quasi todo o primeiro semestre, a impressão que se tem é que o Presidente continúa sem programa... ou será que não soube grangear a simpatia e a confiança dos seus companheiros de Diretoria, coisa imprescindível a todo dirigente de qualquer agremiação? Porque eu cá tenho o meu palpite de que nem tudo é roseo dentro da Diretoria, de que para uma atmosfera de tensão dentro da mesma, o que é muito prejudicial para nós outros alunos que temos o direito de esperar algo de concreto, algo de palpável.

Aliás, numa demonstração de flagrante contradição, com o que diz e rediz, numa sucessão de reprizes sobre o seu espirito democrático, como para convencer a si próprio à custa de repetição, o meu caro Presidente se apropriou sem a mínima consideração, sem a mínima justificativa, a sala destinada ao "O Bisturi". Uma autentica arbitrariedade, muito significativa em quem vive frizando, sempre que tem oportunidade, o seu espirito liberal.

E por outro lado, sua promessa de conceder outra sala para este jornal feita oralmente ao Diretor deste ainda está para ser cumprida. E não me consta que ele esteja providenciando o cumprimento do prometido.

Estou convicto, ao parar por aqui que muitas coisas mais graves existem, falhas cometidas pelo Presidente, mas que o Coruja, por não andar empoleirado pelas dependências do Centro, naturalmente desconhece. Creio que o meu caro Presidente deve dar graças por isso. Se eu estiver errado nesta critica estarei mais do que satisfeito. Sim, ficarei satisfeito se o Presidente me demonstrar que o erro está comigo, pois isto de maneira nenhuma me deixará contrafeito, ao passo que se eu estiver com razão, mais do que o prestigio pessoal de Presidente, estará em jogo os interesses dos estudantes desta escola em geral. E preciso que, com o tempo que ainda resta, se procure executar algo de vulto, para o bem do estudante, para o seu prestigio periclitante. Convém ainda não esquecer que está também em jogo o nome do CAOC, esse nome que você não pode deixar que decresça as vistas do corpo discente e docente da Faculdade.

Eis a situação real, caro Presidente, vista macroscopicamente, sem detalhes, como nos quadros de aquarela. As minúscias, desconheço-as. Ou melhor" dito, conheço apenas algumas, e julgo desnecessário acrescentar à esta visãõ geral, dos fatos. A função do Presidente é a intrasigente defesa dos interesses dos estudantes; e você, caro Presidente, está sem escudo e sem arma para essa defesa.

Medite bem sobre o que você leu. É mais um apelo que faço, a um colega que merecidamente obteve grande prestigio entre nós, prestigio que declina dia a dia, como a saúde de um tisico.

Receba meu cordial abraço.

N. B. — "O Bisturi" sentir-se-á honrado se as pessoas interessadas servirem-se dele toda vez que julgarem necessário. Os ofendidos, se ofendidos houverem, que se manifestem por estas colunas.

ass) Matinas Zukuzi

BICADAS DO CORUJA

— Escreve MATINAS SUZUKI

Prof. LOCCHI

Por estas mesmas colunas do primeiro numero de "O Bisturi" do ano próximo passado tive a oportunidade de traçar num breve croquis literário a personalidade insignificante desse homem cerebral que é atual diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Recebi então da parte de inúmeros colegas, elogios hiperbólicos, alguns dos quais chegaram a azejar-me as faces, tão exagerados eram. Agora, ao voltar a falar do mesmo Homem, dispo-me por um instante do manto da modestia para dizer que realmente fui um tanto ou quanto feliz naquele retrato ligeiro em que a pena serviu-me de pincel... E hoje, lançando de novo um olhar critico sobre aquele mesmo retrato, sinto-me feliz em verificar que aquelas pinceladas ainda se me parecem corretas e correspondem "in totum", a minha atual convicção.

Mas toda rosa tem os seus espinhos e nem por isso deixa de ser rosa, flor entre as flores, sempre pura e sempre bela. E o Professor Locchi, modelo de virtude e sabedoria, não deixa de ter os seus aculeos, o que bem demonstra o seu carater bem humano... E o seu aculeo, exibiu-o ele ao Diretor deste modesto e tão criticado jornalzinho, um olhar faiscante de advertencia fazendo cauda às palavras. "É preciso ter cautela nas criticas".

Referia-se ele ao artigo "Dissecando" da autoria de K. I. Pira em que o articulista faz alusão às cadeiras de Terapêutica e Higiene. Ora, volto a ler e a reler aqueles 13 linhas de critica e nem com a lente de aumento que acabo de adquirir para os meus desenhos, consigo vislumbrar algo que fundamente a reprovação do nosso mui digno Diretor. Alegou o Professor Locchi que a questão está ainda em estudos e que por isso mesmo a critica era incabível. A verdade é que nós de "O Bisturi" em particular, e os demais alunos desta escola em geral, desconheciamos tais estudos que se estão realizando para uma melhor distribuição das cadeiras não básicas, a exemplo do que já foi feito no curso básico. A culpa de tal fato cabe à diretoria do CAOC que recebeu a notificação de tal fato e nos deixou na ignorancia.

Mas de qualquer maneira, o fato é que o sr. Diretor errou ao achar improcedente a critica do K. I. Pia, pois que o citado artigo que termina assim: "Estão de parabens os organizadores da mesma (reforma)", é mais uma congratulação com o que se tem feito para o maior aproveitamento dos alunos desta Escola. A parte critica propriamente dita se resume em vinte palavras apenas, sem o mínimo sabor sarcástico e, na verdade atiradas a esmo, sem mira a alvo algum, o que constitua a meu ver a unica parte reprovavel daquele artigo relampago...

Não, não foi nem improcedente nem exponerea a critica do nosso companheiro de "O Bisturi", pois ela serve para ressaltar as vistas de nos outros e da Comissão do Anteprojeto da Reforma uma das mais gritantes falhas da atual distribuição das cadeiras do curso não básico. Só encontro justificativa na atitude do Prof. Locchi, no fato dele, na sua tremenda escassez de tempo, ter apenas corrido as vistas sobre o citado artigo. Pois confesso que, por mais que leia aquelas 13 linhas "caipirinhas" não encontro sentido occulto algum, capaz de constituir obstaculo à "maior aproximação" entre professores e alunos" pela qual o digno Diretor se vem batendo e pela qual somos sobremaneira gratos.

Afinal, repito, toda rosa tem os seus espinhos...

O BARBEIRO LUCAS

Vou tratar nestas linhas — e já trato tarde... — do barbeiro que atende pelo nome acima, o tal que martiriza anualmente os felizardos que entram galhardamente em nossa Escola depois da prova de fogo da habilitação, com ameaças de beijoças, beijoças capazes de murchar qualquer flor em botão... Tudo isso é muito divertido sem duvida alguma, mas não é de coisas hilariantes que pretendo tratar aqui para suspiro de alívio de muita gente... A coisa é seria, muito seria mesmo. E creio não estar errando ao afirmar que este meu pensamento esta concorde com a grande maioria, para não dizer com de todos.

Para começar brado alto e a bom ton atravez desta coluna, que os preços da barbearia Lucas são de furar os olhos da gente. E espero ardentemente que este meu grito não ecoe apenas nas paredes do nosso porão mas penetre ouvidos à dentro dos meus colegas não saia do outro lado. O Lucas não paga o salão que ocupa, não desembolsa um real pela água que gasta, e nem pela luz que inunda de claridade o seu pequeno reino.

Seus gastos se resumem no ordenado dos empregados-officiais barbeiros cujo numero está na razão direta da freguezia e que portanto, representam mais lucros e

não gastos como ele às vezes tem pretensão de insinuar a nós outros.

Pois bem, esse mesmo Lucas, cuja barbearia funciona nessas condições, aumentou de Cr\$ 4,00 para Cr\$ 6,00 sob as vistas complacentes e concordes do CAOC que deu o seu "sim, sim", nipônico em flagrante desacordo com os nossos interesses.

E isso, já faz quasi um ano se não me falha a minha má cachola.

E as barbearias do centro da cidade cobram em media Cr\$ 8,00. E têm o salão, a luz, a água. Os impostos no passivo. E todos nos sabemos por quantos andam o aluguel de um salão. E os officiais barbeiros não são um privilegio da Barbearia Lucas, sito no porão da Faculdade de Medicina a Universidade de São Paulo, a entrada do Bar Odorico de Calazans, outra coisinha que merece pauladas.

E, vejam bem, ali no começo da Rua Theodoro Sampaio, à direita de quem desce, e o Lucas passa sempre por aquelas portas o corte de cabelo custa Cr\$ 5,00. Sim caros colegas, Cr\$ 5,00. Creio que contra esses fatos não há argumentos possíveis, sofisma quem quiser sofismar, na defesa dos seus polpudos interesses.

Mas a coisa não para aqui, não senhor. Ali no Largo São Francisco está firmemente plantada a majestosa quão solidida Casa de Ensino dos nossos colegas de direito. E eles como não podia deixar de ser, têm tambem a sua barbearia. Transcrevo abaixo, a tabela de preços em vigor naquela Faculdade e quem duvidar que dê uma chegadinha até lá.

Cabelo Cr\$ 4,00.
Barba americana Cr\$ 1,50. (Não sei que raio e barba americana é essa, mas pouco importa. No Lucas, a barba deve ser italiana...)
Os exalunos e professores devem pagar mais Cr\$ 1,00 sobre os preços da tabela.

ENGRAXATE:
Com graxa nacional..... Cr\$ 0,80
Com graxa americana Cr\$ 1,20
Eis ai os fatos. Eles só não se meterão olhos à dentro de quem não quiser ver. Devemos reconhecer que tudo tem encapecido, mas se as barbearias do centro, que proporcionalmente cobram menos, e se as das outras escolas cobram realmente menos, porque, pergunto eu, só nós, miseros estudantes de medicina devemos desembolsar mais?

E ainda há a questão das propinas. Nisto então a coisa é uma nojeira. Dem menos de Cr\$ 2,00, de gorgeta e Lucas, como ardem as orelhas. Aliás, o Lucas, sim, ele mesmo, que é o dono da barbearia, tem a petulancia de dizer a quem quiser ouvir, que não aceita menos de Cr\$ 2,00! E dem-lhe uma cédula de Cr\$ 10,00 e ele perguntará cinicamente se querem troco! Como era de se esperar, alguém começou a protestar.

Esse algem foi o nosso mui divertido colega Tanganelli, que cá entre nos tem uma fichinha de advertencia lá no Estádio porque inexplicavelmente ele prefere nadar em trajes de Adão... Foi bem, o Tanganelli devido aos seus pensamentos perniciosos foi classificado como um doente mental segundo o "doutor" Lucas.

Isto dá uma idéa de como andam as coisas por aquelas bandas, que repito, fica a direita de quem vai para o Bar. Depois do que escrevi, quero ver que doenca o "Sabo-doutor-Lucas", barbeiro duas vezes, pela profissão e pelas suas barbeiradas irá descobrir em mim.



Retrato da Bailarina Intestinal "Giardia Lamblia"

OS ANIMAES E A MEDICINA

MATINAS SUZUKI

Nós homens nos colocamos no topo da escala zoológica. Somos o “anima nobili”, o “Pithecanthropus erectus”, e disso nos envaidecemos... Se somos ou não o mais importante dos animais, isso é pura questão de pontos de vista. Pois dis o francês “Pour le crapaud la crapaud”. E vice-versa. Por onde se vê que até os batráquios ignoram o animal que lê que fala. Um fato porem é patente. Somos o mais egoísta dos viventes. Tudo neste mundo é função de nós mesmos. Esse “tudo” existe para o nosso bem estar. E essa é a única razão de ser da existencia desse “tudo”. Os bovinos existem porque dele necessitamos. E’ a carne, o couro, o leite e derivados. E’ o meio de tração dos arados e carros-de-bois onde a maquinaria ainda não se fez onipresente. E também nos engenhos rusticos para a moagem da cana. E não porque o bovino fique vendo, na sua calma infinita, o subir e o descer do sol a cada dia, mascando, mascando num mascar perene. E assim também os caprinos, os suínos, os equinos, os galináceos... E também as verduras, os frutos. E as flores? Ah! as flores! Elas são uma festa para os nossos olhos. E também as borboletas, os pirilampos, as aves de belas plumagens ou de belos cantos... Senão perderíamos a vontade de viver. Eis porque são necessarias as coisas belas. O nosso sentido estético precisa também de alimento. E os microbios, traíçoeiros, as moscas nojentas, as serpentes monstruosas e horripilantes? E as aranhas peludas e pretas e os escorpiões de cauda sempre erguida na penumbra dos porões? Ah! esses são seres nocivos, perigosos e devem desaparecer da face da terra. Eles são sem duvida um aborto da Creação. Movito ou não, esses seres existem, são uma realidade perigosa para nós. E é dessa realidade que precisamos nos defender. E’ a “struggle for life”. E na construção dessa Maginot de proteção ao redor de nós não exitamos em recorrer aos seres para nós inofensivos. São as grandes vítimas da nossa luta para a sobrevivência. Pobres animais. Lembremos, bem ou mal, mas sempre lembramos dos mártires humanos, porem relegamos ao esquecimento a multidão de ratos, camondongos, cobaias, cães... sacrificados em nosso beneficio.

A ingratitude é aliás uma das muitas facetas peculiares ao homem. Não ocorre, por exemplo, nem ao cirurgião, nem a nós outros expectadores de uma operação, a tremenda conquista que representa a vitória sobre a dor. O ventre ou o torax sangra aberto, as vísceras são expostas, brutalmente expostas, vivas, rubras e sangrentas. E no entanto, a Dor dorme com o paciente. E.T.G. Morton que nos deu essa tremenda arma contra a dor, morreu em completa miseria! Ironia desta vida tremendamente ironica...

Quando, por outro lado, injetamos ou administramos certa dose de uma droga num doente e o pomos á salvo, sentimos-nos sinceramente satisfeitos. Uma teozurada a menos da parca Athropos. Salvamos mais um já custa de um medicamento bem dosado. Pois é sem duvida a dose que condiciona o remedio ou o veneno. Aplicamos o remedio. Mas a determinação do limiar entre um e outro custou a vida de muitos animais. Isto é apenas um exemplo num paiol de exemplos. A Medicina chegou até nós galgando degraus construídos com ratos, camondongos, cobaias, coelhos, cães, macacos... E continuará a ascensão usando os mesmos degraus. Tiremos portanto o chapéu a esses Mártires anônimos da Medicina.

A Medicina é hoje um Gigante. Muitas barreiras porém continuam ainda solidamente erguidas á sua frente. Uma delas é o Cancer, perigoso, traíçoeiro e fatal. E a Arte de Curar só tem o diminuto bisturi para combatê-lo. E é necessario uma espada

como a de Hercules para decepar de um só golpe essa Hidra que brota sorradeira e malignamente em nossas entranhas. Essa arma terapêutica batlhões de pesquisadores a procuram em laboratorios repletos de animais. São os camondongos C3H — que adquirem o Cancer da mama em 80% dos casos; são os camondongos C57 — que não adquirem Cancer ou só excepcionalmente o fazem; são os camondongos das especies dba — que apresentam Cancer espontaneo —, são os ratos, são os coelhos, as aves, etc. etc. Desse colossal monte de animais sacrificados e de mais não o sei quanto que irão succumbir, nascerá sem duvida uma gloriosa descoberta. Será então um ponto de interrogação a menos em meio de tantas interrogações que pontilham a Arte de Hipocrates.

Para se levar a bom termo toda e qualquer pesquisa é imprescindível entre outros, o uso de animais em condições senão ótimas, pelo menos boas, qualitativa e quantitativamente. E mesmo assim a experiencia biologica admite uma margem apreciavel de variações. Sim, pois o animal não é um elemento matematico, imutavel e sempre fixo. Cada vivente é um caso especial. Daí a importancia da quantidade. Só assim poder-se-á chegar a resultados suficientemente seguros. Isso devido ao polimorfismo das reações dentro mesmo de cada especie e em menor grau, num mesmo vivente. E é por isso que em Medicina existe esta afirmação sugestiva: não há doenças, mas sim doentes. Só assim se justifica a exigencia de inumeros casos clinicos ou cirurgicos para observações concludentes.

A Faculdade de Medicina é uma Casa de ensino e de pesquisas. Num e noutro caso a exigencia de animais de laboratorio é mais do que patente, quer para demonstração dos efeitos das diferentes drogas, á nós alunos, quer para reprodução das mais variadas e interessantes experiencias efetuadas para determinados estudos, quer para elucidar as incognitas que abundam nos mais diferentes campos da Medicina. Se na parte de ensino a parte quantitativa ultrapassa em importancia o lado qualitativo do material vivo usado, nas pesquisas uma e outra são de igual e capital importancia. Sabemos, todos sabem disso. Só os poderes competentes ignoram esta verdade. Ou então fazem vistas grossas, como succede aliás, com todas as necessidades importantes e inadiaveis para as quais são sempre sovinaas na questão relativa ás verbas. E’ sempre assim. Não ignoramos o estado em que se encontra o nosso bioterio. De há muito que ele é uma caricatura daquilo que se chama bioterio. Simplesmente lamentavel o estado em que se encontra. Já no ano passado deixamos de ter algumas aulas praticas de Farmacologia por falta de animais! Imaginem como se vai arranjar um professor que deseja fazer uma pesquisa! Será que os nossos homens de Governo estão pensando que o nosso prestigio politico é mais importante do que o prestigio científico ou artistico? Não sei, e creio que ninguem sabe. O fato é que as verbas para finalidades nobres e altamente necessarias definham dia a dia, quando não chegam a ser suspensas. Foi devido a uma realidade tão nojenta que um grupo de professores desta nossa afamada Faculdade resolveu encetar uma campanha de divulgação sobre o papel representado pelos animais nas pesquisas médico-cientificas e angariar fundos para a organização de um BIOTERIO DECENTE em nossa Escola. A iniciativa desses dignos professores merece todos os nossos mais sinceros aplausos. E mais do que aplausos, pois estes nada resolvem, são um estímulo apenas, lanço o meu apelo aos colegas no sentido de uma colaboração eficiente.

Complexo primário de “O Bisturi”

Parece-me que é de nossa índole ro manear tudo. E’ familiar a todos os estudantes a mania que vários professores e assistentes possuem de descrever processos, aspectos clinicos, teorias, etc., com uma enxurrada de termos rebarbativos ou com uma avalanche de expressões pleonásticas. Fala-se muito e faz-se pouco; inutil, também, enfileirar-se exemplos aqui, por que todos estão cientes disso. De sorte que quando alguém realiza, de fato, qualquer cousa, nos sentimos entusiasmados, e esse alguém fica adjetivado de *dinâmico*.

Pois bem. Considerando que a peste branca ceifa os brasileiros com uma grande foice, resolveram os academicos de medicina tomar parte na luta contra o monstro, já que são soldados da saúde. Fundou-se a *Liga de Combate á Tuberculose*. Até os fins de 1947, nada se realizou de caráter pratico. Neste ano, no entanto, pareceros que as cousas tomaram o rumo para o que já chamamos de dinamismo; é o que iremos ver. E’ superfluo dizer a estudantes de medicina que o problema da tuberculose não se resolve com a construção de Sanatórios. Haja visto que o hospital de Jaçanã, com todo seu moderno aparelhamento, não consegue chegar a *cinco por cento* de cura de seus doentes. Indiscutivelmente, sua solução está na profilaxia. Mas, a profilaxia é difficil: precisamos contar com ouvidos moucos, com a tremenda ignorancia de nosso povo e com a nossa deengonçada máquina econômica. Precisamos usar, então, de meios americanos: fantasmagorizar aos olhos da massa o vulto da peste; a hipótese de que com esse sistema geram-se neuroses, é discutivel. Conseguem-se muito com o auxilio do rádio, do cinema educativo, da demonstração de peças anatomo-patológicas, enfim, com meios que concretizam, que materializam a moléstia aos olhos dos simples. Foi o que se tentou fazer. Partiram quatro caravanas, cada uma composta de cinco estudantes das diversas séries, aparelhadas para esse objetivo, para as cidades de Baurú, Rio Claro, Bebedouro e Itapetininga. A acolhida que tiveram, foi das melhores; e seus componentes estão perfeitamente conscientes do que fizeram de bom ou de falho... Foram elogiados pelos jornais locais. Os resultados, os posterios os julgarão.

Outro problema. — Faz-se necessario um grande numero de médicos especializados. Há dias, conversando com um médico do Serviço de Tuberculose, desiludiu-me quanto á especialidade: “só para quem quizer morrer miseravel; é doença só de pobre e a remuneração que percebemos é minguada”. Infelizmente, é verdade. Procurou a Liga, então, estimular os estudantes, criando um premio de *dois mil cruzeiros* ao melhor trabalho sobre o assunto, de acordo com a comissão julgadora já nomeada. O pra-

zo para a entrega do trabalho vai até 31-12-1948. Por outro lado, tentou avizinhar-nos mais dos sanatórios e dos centros de profilaxia, afim de nos familiarizar com seus métodos mais modernos, em contáto com especialistas de renome. De ora em diante, os alunos poderão frequentar o Dispensário Clemente Ferreira. Para as férias de julho, poderão estagiar nos sanatorios de Campos do Jordão, no de Sapecado, no de Santos, e no de Mandaquí, cujos diretores prontificaram-se a receber-nos. Unindo, assim, o útil ao agradável, a Liga espera a colaboração de todos. O nome de seu diretor é Osmir Strasburg. Quanto ao Bisturi, que é defensor das boas causas, aqui fica seu primeiro contáto, seu *complexo primário*.

ADHEMAR FIORILLO

Sobre o Chá das Calouras

Animadas de grande satisfação — prêmio por excelência do esforço que acabam de fazer, cansadas, em geral, de um estudo intenso, as primeiras vindas para o início do curso talvez perguntem a si mesmas como as espera, a elas que não são atingidas pela tradição do triote, esta escola onde vão passar a mocidade no preparo requerido pela carreira que escolheram. Por certo não supõem que na grande casa de ensino as aguarda uma casa exclusivamente da aluna, casa portanto que há-de ser delas como tem sido todas as que tem chegado em anos anteriores. Por isso, ao encontrá-la surpreendem-se e alegam como diante de um bem inesperado.

De fato o D.F. é um bem, mas não todo bem que as espera; maior do que ele é o que se lhes há de deparar na vida do -D.F., vida de pessoas que um mesmo ideal une e irmana.

Conhecendo isso e desejando ás novas tudo aquilo de que já gozam, as demais alunas buscam um apoio de as trazer o quanto antes a essa vida e o acham na organização de mais um Chá das Calouras.

Recepção oficial, nem por isso deixa este chá de possuir a simplicidade característica de meios íntimos. O Salão Verde que então se abre ás estudantes de medicina dir-se-ia um pedaço de D.F. transportado ao Mappin e caprichosamente arrumado por ser dia de festa. Enchem-no a alegria das homenageadas e a daquelas que, tendo-o sido uma vez, ora se acham felizes por proporcionar a outras o prazer que então sentiram.

Em nome destas últimas. Enide saúda as primeiras. Fala-lhes do longo curso em que se vão preparar para a vida médica assim como a borboleta no casulo, se prepara para a vida ao ar livre. Respondendo-lhe, a Helga se refere á colaboração que é imprescindível ao progresso e cujo espirito se espera seja sempre cultivado em nosso meio.

Mais tarde fala ainda o segundo orador do Centro trazendo ás novas colegas as boas vindas de toda a Faculdade.

Não são, porém, esses apenas os que falam; enquanto o tempo vai passando, pelo aspecto, pela fisionomia, pela alegria, como que tudo e todos no ambiente falam numa linguagem que inspira a simpatia das novas alunas pelas mais antigas, das antigas pelas novas, destas umas pelas outras, simpatia essa que é a garantia de que o chá atingiu o seu fim, pois que não pode deixar de ser o principio do amor que a todas deve unir mais do que como colegas — como amigas e fazer do Departamento feminino mais do que um D.F. casa, um D.F. familia.

CAULDA CUBA DOS SANTOS



Minha gente acortiou,
coisa que nunca se viu.
Hoje o Bisturi, du aula
é nenhum aluno domiu.

Humorismo

INSTANTÂNEOS

A Edil estava de vestido comprido, mas o avental (que ainda não seguiu a moda) era curto.

Renatinho: Por que você não pede o avental do Iazetti emprestado?

Na enfermaria (auscultando):
Clovis: Ouça isto.

Inácio: Ah, isto deve ser sinal de Wachemberg.

Nota: Sinal de Wachemberg é ilusão de ausculta que recebeu este nome em homenagem ao Bernardo Léo.

Aronzon: O meu assistente é muito prático. Primeiro ele vê se estou presente. Nesse caso ele marca presença para todos. Shnaider: Mas você nunca está presente.

Aronzon: Ai ele marca presença para todos menos para mim.

Um aluno: Estamos aqui para comunicar-lhe que não assistiremos aula sexta-feira que vem.

Prof. Tolosa: Mas por que razão?
Outro aluno: Aniversário do Biriba, prof.

Aquela garota da Escola de Enfermagem era tão feia, tão feia que tinha o apelido de fantasma.

Primeiro estudante: Vocês sabiam que o "Fantasma" não trabalha mais na Pediatria.

Segundo estudante: Já saiu tarde.
Primeiro estudante: Isto mesmo. Espantava as crianças e elas não podiam dormir.

O Laerte Palalino é tão afobado, tão afobado que aconteceu, num baile, o seguinte:

A Dama: A musica ainda não acabou, por que você parou de dançar?
Laerte: E' que eu já dancei a musica inteira...

Primeiro aluno: Você sabia que o "barzinho" do hospital mudou?

Outro aluno: Quer dizer que agora está servindo melhor.

Primeiro aluno: Nada disso; mudou mas foi de local.

O Bernardo Léo Wachemberg "trabalha" na Clínica Médica, na Clínica Cirúrgica, na Clínica Dermatológica, na Terapêutica, etc.

Segal: Por que você está muito preocupado?

Bernardo: E' porque a Enfermaria do Celestino está custando mudar para o H. C. e eu não posso assinar lá também.

Alguem: Mas por que esta história de grêve?

Paiva: Antes que o C.T.A. resolva mandar Boletim Mensal pra casa...

RECUERDOS DE ARCEBURGO

Se não dizem... pensam.
Abdala — O beque das mil situações difíceis...

Delmo — Eu não insisto com ninguém por isso que ela não deu bola.

Rubião — Não quis aceitar o convite do Dr. De Luca por uma questão de honra...

Teixeira — O Cavaleiro Andante... a pé.

Cássio — Puxa! Eu só tomei um traguinho. Por que será que sobe tanto?

Pirica — Quem tem uma escova de dentes para emprestar?

Godoy — Carregar pianos, pois... não.

Sergio — Quantos homens bonitos eu deixei em Arceburgo. Ai, Ai.

Shibata — Puxa! Desta vez quase que eu caso. (Assso pegô de raspon non?).

De Mello — Viva o Funçia!!!
Amato — Não, o meu pé está bom. Eu quero jogar.

Funfas — Como vai a plantação de galinhas?

Páulinho — (Farrapo n.º 1). Já vi tudo.

Bloise — (Farrapo n.º 2). Não Eu não bebo.

Cotrim — Será que nem com toalha eu posso dormir. (Farrapinho).

Nilo — A Mamãe da Caravana.

Ruy — O artista "revelation" Será que o "porre" era fictício?

Belda — Puxa! Não falei em Arceburgo, mas em Mocóca não tem Teixeira.

Vignóla — E', desta vez ninguém veio na frente para fazer meu "cartas".

Mirra — Será que ela gosou de mim ou de minha maneira de falar?

Christie — Puxa Abdala, se eu não me agacho!

Batista — Na minha terra o futebol se joga assim.

Basso — O puritano da Caravana.

Adachi — Eu sou um bom fotografo mesmo.

Borelli — Todos são loucos. Menos eu.

Machado — Qualquer semelhança com "bodes" será coincidência.

Afonso — Aonde estaria este rapaz na hora do baile?

Ary — Eu toco violino tão bem, até sem arco e mesmo sem violino.

Barreti — Não é farol, não, eu sou granfo mesmo.

Morganti — Nada como viajar para conhecer terras.

Maurício — Eu bebo mas não caio.

Ludo 1 — O Amigo... da Onça de Arceburgo.

Ludo 2 — O amiguinho.

Calouros — Não têm vez.

K. ALCATRÃO COM MED.

ATLETISMO

Surgiram este ano, por oferta de um nosso colega que não quer que seja divulgado o seu nome, varios premios extras para estímulo dos atletas do CAOC. A primeira das ofertas consistiu em 6 medalhas, 2 de vermeil, 2 de prata e duas de bronze. Três delas, uma de cada se destinavam aos 3 atletas da Faculdade que lograssem obter maior numero de pontos para a nossa cores no Torneio Estímulo de Atletismo promovido pela F.U.P.E. Após a disputa, somados os pontos que cada um obteve verificou-se: Wladimir, com 14 pontos, conquistara a de "vermeil", Hildebrando, com 11, a de prata e Galvão e Afonso, com 10, fizeram jús á de bronze. Providenciou-se mais uma e ambos foram satisfeitos. As outras 3 medalhas foram disputadas no Torneio promovido pela F.U.P.E. seguindo o mesmo critério. Desta vez a de "vermeil" coube a Raymundo que obteve 28 pontos, a de prata a Branco com 14, e para a outra novamente houve empate. Piero e Albrech obtiveram 10 pontos.

A outra oferta, do mesmo colega, muito mais valiosa é a seguinte: dois trofeus e 3 medalhas, uma de Vermeil, outra de prata e outra de bronze para os 5 atletas que em todas as competições em que o CAOC tomar parte obtenham maior numero de pontos. Essa valiosa oferta recebeu o nome de Trofeu Eficiência. Até o presente momento com 3 competições realizadas, a saber, Ac-Med, Torneio Estímulo e Torneio da F.U.P.E. a colocação dos "azes" é a seguinte: 1.º Raymundo com 58 pontos, 2.º Galvão com 34, 3.º Albrecht com 30, 4.º Piero com 27, 5.º Branco com 24. Até o fim do ano com Olimpíadas Paulista e Brasileira e Mac-Med essa lista dos 5 melhores até agora poderá sofrer boas modificações.

R.

MUITO OBRIGADO

A finalidade destas linhas é antes de tudo agradecer a todos que direta ou indiretamente cooperaram para o êxito de nosso baile "NOITE DE MAIO"

Todos vocês colegas, imaginam o trabalho dedicação que torna necessário dispender para que seja uma realidade, e uma festa digna de nossa Faculdade, a realização desse nosso baile.

Organizadas as comissões e sub-comissões, cada uma delas tem pela frente uma série de obstáculos, que exigem um dispêndio enorme de sacrifícios e esforços, osquais só são vencidos depois de intensa dedicação.

Esboça-se o baile desde a confecção dos convites, da propaganda imprescindível, do trabalho junto as patronesses, da venda de convites por parte dos colegas, da entrega desses convites, da ornamentação e por fim da noite do baile.

Quando a orquestra executa os ultimos acordos, preçamos ouvir um desafogo e a cortina de receio que se nota nas feições da comissão como que por encanto desaparece.

Enfim terminou. E' necessario entretanto que aqui fique gravado o nome desses colegas que tanto fizeram para o êxito desse baile, como sejam: Miguel Vila Nova Soeiro, Josef Feher, Antonio Pedro Mirra, Osvaldo Monteiro de Barros, Alvaro F. Coutinho, Emil Sabaga, Julio Timoner, André R. Cruz, Lisias C. Amaral, Nelson Pedral, Carlos Chusid, Gildo da Rocha Brito e outros. Muitos, emobra não tenham seu nome na ocasião, tiveram um trabalho digno dos maiores elogios e agradecimentos.

Quero também expressar aqui os agradecimentos da comissão, da dire-

UMA NOVA FASE

O título deste omentario, situado nesta pagina dos esportes por si só nos fala da finalidade do mesmo.

Sim, uma nova fase surgiu no ambiente esportivo da Faculdade. Francamente, já não era sem tempo. Tudo parecia estar parado. Tudo parecia não querer mais reviver. Viviamos de vitorias passadas. Quando se falava em nossos esportes, nossa glória era citar antigos valores e deliciosamente apoiarmos a eles.

Mas, felizmente tudo parece que está mudando. Uma nova fase surge para nós. Os nossos recentes triunfos vieram dar-nos vida nova.

Triunfos consagradores como: vice-campeões em polo-aquatico, vice-campeões em atletismo, campeões no estímulo de remo, campeões invictos de voleibol assim como finalistas em basket-ball, são títulos que em muito boa hora vieram aninhar-se na "escola do Araçá". Os trofeus conquistados, vieram enriquecer nossa já há muito adormecida sala de esportes.

Que isso seja um incentivo aos colegas que ora iniciam na Faculdade. Que a semente lançada por Junqueira, Ubiratan, Horacio, Cotrim, Lotufo, Labate, Miksian, Ferreri, Carlos Branco, Plinio e tantos outros frutifique e cresça forte e sadia, para que não aconteça o que temos visto com frequência: jogamos a incumbencia de defender-nos nos esportes a uma série de cinco ou seis elementos e quando estes se retiram deixam uma lacuna, uma solução de continuidade difícil de sanar.

Que o apoio prometido e propalado pelos dirigentes da nossa "escola" venha de encontro a nós. Delé necessitamos.

E enquanto isso não abandonemos a pratica dos esportes e im treinem com mais afinco. Ajudaremos a ganhar a nossa almejada MAC-MED. Creio que já é tempo. Simão, o 6.º ano que o diga.

toria do C.A.O.C. e dos alunos em geral, pelo e forço desinteressado e proficuo das nossas distintas patronesses, gentis colaboradoras, das quais temos certeza absoluta cooperação sempre conosco, nesse nosso empreendimento cuja finalidade é das mais sublimes.

Muito obrigado.
WALDYR PRUDENTE DE TOLEDO

ESPETACULAR VITÓRIA DO REMO

Na bela tarde de 26 de Maio de 1948 os remadores do CAOC participaram do Torneio Estímulo de Remo da FUPE, prova esta que há muito não vinha sendo realizada. Neste importante torneio tomaram parte cinco dos nossos mais destacados Centros Academicos, representando o Mackenzie, a Escola Superior de Educação Física, a Escola Paulista de Medicina, a Faculdade de Medicina e Escola Politecnica. Pelo que pudemos concluir a disputa foi das mais acirradas, não só pelo fato de estar em jogo o título máximo universitario, mas devido a conquista do trafeu Aldo Gabriel Canduro oferecido pelo Grêmio Politécnico em memoria ao seu saudoso remador e colega. A fibra e a vontade de vencer nos coroaram de êxito. Saímos vencedores no torneio. Vitória esta muito significativa, uma vez que se aproxima cada vez mais a estupenda Mac-Med, e vem demonstrar o nosso bom preparo físico. Estão de parabens, pois, a nossos colegas Candelaria, Callia, Zuppo, Adib, Iseu, Wladimir, Cristovam e Luiz Freire. Fazemos votos que isto se repita não só na Mac-Med como também nas Olimpíadas Paulistas e Brasileira.

ÚLTIMAS DE ESPORTE

Escreve o Onde Santa

Num tiro sensacional de reportagem, pudemos apurar que existe um velocista na Faculdade, cujo nome está sendo guardado em segredo, parecendo estar no auge da sua carreira esportiva. O citado atleta pertence a um dos anos básicos tendo já corrido em pistas de renome, e pelo que nos parece vai ser uma verdadeira bomba atômica na próxima Mac-Med. O atleta percorreu 100 mts. num lapso de tempo mínimo, (tempo incrível). Tes lunhas oculaers nos deram uma idéia do que foi esta prova. — Mal foi dado o tiro de saída elevou-se uma densa nuvem de poeira, daí para dian-

EM GREVE OS ALUNOS DA FACULDADE DE MEDICINA

Em assembléia permanente o C. A. Oswaldo Cruz — "Entramos na luta decididos, até a aniquilação de um projeto de lei ignobil", declarou-nos o presidente do Centro, acadêmico Alvaro da Cunha Bastos

Cada dia que passa, mais se estende a greve dos alunos de nossos cursos superiores, aumentando sempre o número de centros acadêmicos que passam a tomar parte ativa na campanha encetada contra o projeto Pedroso Jr., de equiparação dos práticos em farmácia.

Alem dos alunos do Instituto Mackenzie, que entraram em greve pela manhã, aderiram também ao movimento os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade, que se reuniram ontem às 16 horas, em assembléia geral, para examinar o assunto e tomar uma atitude decisiva.

Contou com grande número de acadêmicos a reunião, que foi presidida pelo acadêmico Alvaro da Cunha Bastos e secretariada por André Ricciardi e Armando Bernardes. Aberta a sessão e feita a exposição do assunto pelo presidente, usou da palavra o estudante Walter Belda, que disse que os alunos da Medicina já haviam esperado demais para apoiar seus colegas da Faculdade de Farmácia e não podiam permanecer nessa atitude de expectativa, propondo que entrassem em greve de solidariedade imediatamente. A seguir falou o acadêmico Antranik Manissadjian. Declarou que os estudantes não podiam ficar indiferentes ao movimento, pois assim como se tratava da equiparação dos práticos, podiam também os macumbeiros pretender ser médicos. O espírito da Universidade estava em jogo. Propôs que, além da greve, o centro estudantino da Faculdade se mantivesse em assembléia permanente. A seguir, fez uso da palavra o estudante Roberto de Almeida Moura, que leu aos presentes uma declaração escrita e assinada pelo presidente do C. A. 25 de Janeiro, da Faculdade de Farmácia e Odontologia, Luiz Golçalves, segundo a qual qualquer notícia de já ter sido resolvida

satisfatoriamente a situação criada pelo projeto aludido, não passa de notícia tendenciosa, permanecendo em greve os alunos daquela Faculdade até que seja o assunto resolvido de modo a satisfazer o pensamento da classe. A seguir, pediu que se examinasse também a questão dos exames parciais, que estão muito próximos. Propôs que os alunos se decidissem a fazer apenas as provas que estivessem marcadas para três dias após o término da greve, caso esta viesse a cessar antes do fim do semestre, e que os exames prejudicados pelo movimento só fossem realizados em agosto, isto é depois das férias, que se estender por todo o mês de julho. Finalmente o acadêmico Israel Nussenzweig propôs que o centro acadêmico oficiasse a diretoria da Faculdade e ao sr. Samuel Duarte, presidente da Câmara Federal, expondo a sua resolução e pedindo que "os deputados cumpram o seu dever, votando contra o projeto". Todas essas propostas foram aprovadas por unanimidade, deixando, portanto, os acadêmicos de medicina da Universidade de frequentar as aulas, a partir de ontem.

"ATE" A ANIQUILAÇÃO DE UM PROJETO IGNOBIL

Abordado pela reportagem, disse o acadêmico Alvaro da Cunha Bastos: — "O movimento estudantino, que já se estende por todo o país, visa a legítima defesa dos superiores interesses da vida universitária em nosso meio. O "Centro Acadêmico Oswaldo Cruz", que nunca faltou aos seus compromissos de solidariedade de classe, entra na luta decidida, até a aniquilação de um projeto ignobil".

Acrecentou o acadêmico Roberto Brolio:

— "Não só damos o apoio aos colegas de Farmácia como repudiamos nós mesmos o projeto Pedroso Jr.. Já nos havíamos solidarizado com o movimento por eles encetado, quando enviamos um telegrama ao "C. A. 25 de Janeiro" e à Câmara Federal, de repúdio a esse projeto de lei. Agora, entramos na luta lado a lado, com os estudantes de Farmácia. Sabemos que a greve irá prejudicar em muito os estudantes. Entretanto, não poderíamos tomar outra atitude em face de um movimento dos mais justos.

Solenemente empossada a 15 de Abril a..

(Conclusão da 1.ª Pág.)

te a conquista da frequência livre às aulas teóricas, hoje patrimônio da organização escolar desta Faculdade. A administração desta Escola, que soube compreender o sentido exato das nossas aspirações, os nossos agradecimentos, e aqueles que falam em nosso nome em favor de tão extensos benefícios, a nossa admiração.

Ao falar em nome de uma Diretoria que assume as responsabilidades pelos destinos de uma entidade, vêm-nos à consciência as dificuldades todas que sabemos existir para o prosseguir da existência desta agremiação.

Fazemos parte daquele grupo que está em contacto com o desenvolver desta sociedade, já há alguns anos. Vimos quanto custosa em tempo e bens materiais foi a organização de uma campanha de Educação Sanitária, vimos o que demanda em esforço a realização de uma das nossas "avant-premières", ou o nosso baile de Maio ou, ainda, uma competição esportiva.

Sabemos, ao idear as nossas diretrizes, o que encerrará de surpresas e dificuldades a árdua tarefa de harmonizar a consciência cívica dos Estudantes desta Escola e sincronizarmos-nos com o espírito dos outros Centros Acadêmicos, para não traír o nosso passado de lutadores liberais.

Senhores, por termos justamente apinhado bem a tremenda complexidade das múltiplas relações de nosso Centro, é que não estabelecemos um programa rígido de administração. Estabelecer programas implica em tratar com situações constantes e de certo grau de imutabilidade. O Centro Acadêmico caracteriza-se justamente pela forma variável de seu desenvolvimento que apresenta, de surpresa, situações novas e imprevistas. Preferimos analisar os problemas vitais do Centro, dentro de um ponto de vista objetivo.

O desenvolvimento da Faculdade de Medicina vem se caracterizando por uma cada vez maior ampliação de seus Serviços e Departamentos. Hoje, a Faculdade já apresenta elementos para constituir-se em um soberbo Instituto Universitário de grau avançado. Este desenvolvimento, crescimento da vida do Hospital das Clínicas, vem trazendo para as relações da gente que luta dentro deste conjunto, uma acentuação de interdependências.

A compreensão do número de sociedades que vêm proliferando à sombra deste edifício é fácil e intuitiva. No seio desta constelação de entidades, brilha com rara luminosidade o nosso Centro Acadêmico.

Encaramos com muita seriedade a necessidade de um perfeito preparo profissional. Assistimos, com plena serenidade, a fase de transição que se processa no curso básico da nossa Escola, para adaptação a nova distribuição de cadeiras. Aguardamos a estabilização do novo sistema, para então apurar as suas possíveis falhas e criticá-las honestamente, como é do nosso modo de ser.

Ponto, para nós da mais alta importância, é o da situação do Estudante dentro do Hospital das Clínicas. Sabemos ser nossa situação definida em textos regimentais; entretanto, dois fatos queremos discutir aqui:

Em primeiro lugar, os estudantes plantonistas não têm ainda um dormitório definitivo no Hospital das Clínicas. Não queremos discutir a necessidade da existência desse dormitório, pois para nós ela é evidente. Queremos, isto sim, solicitar

da Direção do Hospital, o estabelecimento definitivo das camas dos plantonistas em uma das muitas salas do Hospital das Clínicas.

O segundo fato refere-se aos alunos do atual 4.º ano médico, que estão assistindo às aulas de Clínica Médica e Clínica Cirúrgica em pé pois os bancos são insuficientes. Pleiteamos que idênticas providências sejam tomadas, para um aprendizado bom e eficiente.

A Diretoria, que hoje se empossa solenemente, já vem de fato exercendo as funções de Direção do Centro desde a primeira quinzena de janeiro, em perfeita consonância com as idéias até aqui apresentadas. Para melhor avaliar essa identidade apresentamos alguns fatos:

Realizou a Liga de Combate à Tuberculose do Centro Acadêmico, no mês de março, uma campanha educativa em torno dos problemas relacionados com a tuberculose. Esta campanha, constante de pequenas caravanas de estudantes que se dirigiram às cidades do nosso interior, levando através da palavra e do cinema, os conhecimentos elementares sobre o terrível mal, a mais de 12 mil trabalhadores, realizou alguma coisa de concerto em favor das massas humildes.

Trabalham ativamente as diversas comissões encarregadas de realizar as festas dos calouros e o nosso Baile de Maio, que é sem dúvida uma das expressões do calendário social da nossa capital.

No setor esportivo, a realização atualmente de mais uma Ac-Med, simpática competição que se realiza entre médicos e acadêmicos, é a prova mais evidente do surto de vida e entusiasmo que anda por esse Departamento.

Sabemos quanto exaustivas são estas exposições, entretanto, não podemos deixar de apresentar aqui, o nosso Departamento Científico, que se constitui num dos mais sólidos baluartes do nome de nosso Centro. Além de suas atividades normais, a realização de cursos, publicação da revista, manutenção do intercâmbio com outras entidades, tem, este ano, responsabilidade assumida de realizar o IV Congresso Médico Estudantil de São Paulo. Temos a certeza da sua realização, e ainda mais, do seu completo êxito.

Outra questão que merecerá a atenção cuidadosa da nossa Diretoria é o da localização dos estudantes cujas famílias residem no interior e que são obrigados a submeterem-se às exigências das Donas de Pensão. Não temos ainda ponto de vista a respeito. Sabemos, das dificuldades dasseis colegas e os convidamos a vir colaborar conosco na solução dessa questão, que julgamos fundamental.

Senhores, lançar o nome do nosso Centro para fora deste ambiente Universitário, constitui para nós preocupação máxima. Ligar o Centro ao trabalhador rural e das cidades através de campanhas educativas e de centros terapêuticos, como já o vem fazendo a nossa gloriosa Liga de Combate à Sífilis, será uma atitude que decorrerá mesmo do nosso modo de ser.

Senhores, confiantes no futuro, atentos no presente, perfeitamente conscientes da posição que ocupam dentro da estrutura social, estão os estudantes de Medicina vivendo, para que não sejam postergados os princípios em nome dos quais foram luta os jovens do nosso querido Brasil.

**Aguar dem
sensacional
baile de
"O Bisturi"**

Matéria e espírito

ADHEMAR FIORILLO

Tomei de papel e lapis, para quebrar um pouco esta monotonia angustiadora. Escrevi uns versos meus, que há tempo retenho de memória. Li-os. Reli-os. Acariciei-os com os olhos e o pensamento; quiz sentir o eco de cada estrofe, a ver se conseguia despertar em meu espírito consonâncias de beleza, harmonias de som e de sentido. E senti-me tal qual aquela besta da fábula grega, que lambia, relambia, e acariciava seu bezerro naquele êxtase de quem contempla a sua obra. E deixei-me por satisfeito comigo mesmo, como se estivesse fazendo parte da harmonia do Universo. Eis aí, faço parte do Mundo. Há, pelo menos, aqui, uma expressão de onipotência de ideia. Sou auto-suficiente; consigo fazer existir em mim mesmo um mundo de sofrimento e de alegria. É fuga à realidade; é introversão, diria Jung. É

lenitivo ao desespero, digo eu. Para quem pode sentir o sol no rosto, e a chuva nas costas, o ritmo, a rima, as correntes de imagens, são manifestações de romantismo decadente, de sentimentalismo doentio. Para que essa esfera de realidade, se posso mover meus membros, fatigá-los, mergulhar meu corpo num fluido que me desperte todos os sentidos? Para que essas abstrações, esses devaneios, esse incêndio interior em pleno século de fumo, de engrenagens, de motores que constroem e destroem num impulso de vândalo? Cansei-me. Dobrei o papel. Coloquei-o entre as páginas de um livro de Huxley. Despreocupado, folheei o livro. Li, ao acaso, umas páginas bem vivas de um seu personagem velho e faunesco, rico e medíocre, às voltas com uma fêmea bela e fútil. Diverti-me um bocadinho. Não sei se do velho, se da moça, se da nossa espécie

ou se desta matéria, tão frágil e tão presunçosa. Tive a impressão de que, mentalmente, andei gozando a aventura do sátiro e, ao mesmo tempo, rime de sua pacholice. Que prazer fino; que velho ridículo; e a moça, tão mulher! Esse é o mundo dos sentidos, o mundo dos de senso prático.

Tomei de novo minha poesia: uma imitação de Verlaine. Quadra tão bem: o poeta da *frísteza sem motivo*. Parece-me que seu sofrimento, sua amargura, como pedras e cinza, filtraram o eflúvio de sua sensibilidade. Seus versos verteram beleza em imagens de diáfano, de nuances, de entretrens. Li-a de novo. Ora, como sou frágil, como sou estúpido, como me deixei vencer por jogos de sons e de cores. A vida não é isso: carícias de luz. É mais. É um pouco também esta vontade de ação; essa aventura ridícula do velho faunesco que procura enganar-se a si próprio, numa conquista fácil.

A mocinha trouxe-me o chá. De olhos morenos e oblíquos. Evocam-nos gente todo aquele misticismo do Oriente. Omar Kayian sabia sorver o vinho das taças e beijos dos lábios encarnados. Bem mais delicioso, mais apurado em sua sensualidade que o sátiro de Huxley. Já notei uma vez que te-

nho o temperamento dos da raça de meu pai. Os bandolins de Nápoles tocavam bem alto algo de mouro. E senti-me um potentado da Ásia, rodeado de odaliscas. Que coisa melíflua esta minha poesia. Que sensação de coisa esteril, sem vida. Melhor rasgá-la, picá-la. Assim; que vá para o lixo. Não sou só pensamento, tenho também um corpo, com sentidos. Sou moço, apaixonado. Tenho quem ri e chora e comigo. Que me envolve de ternura e me faz proferir juramentos. Que me considera o príncipe encantado, e que me ama porque vivo um bocadinho neste globo e outro tanto num reino de fantasia. Vem: de novo a poesia. Sem querer, saí do papel, com ritmo e rima. fui até o outro continente, sofri, ri, senti o prazer da carne, dos sentidos, amei, e voltei de novo ao irreal e ao devaneio. Não saí de meu quarto. Esqueci por uns instantes minhas dores, meus suplicios, viajei sózinho pelo Mundo e pela Vida, só na imaginação. Coitados dos que só conseguem circunscrever-se no plano da matéria. Tal vez o sofrimento, a angústia e o desespero deles são muitas vezes superiores aos meus, que não posuo o conforto de um Deus, mas ainda consigo vibrar com o que se apalpa e não se vê.